

# A EDUCAÇÃO NA IDADE MÉDIA E A INFLUÊNCIA DA IGREJA NO PENSAMENTO OCIDENTAL

Caritas Maria da Silveira Oliveira

Tutora Externa: Marileny de A. Oliveira

Professora: Patricia Maria Matedi

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura (LED 0156) – História da Educação

28/06/2013

## RESUMO

*Este artigo apresenta alguns aspectos da educação na Idade Média, nos quais se pode entrever a Igreja Católica como a instituição mais importante do período, pois dominava todas as dimensões da sociedade. As escolas se desenvolveram no seio da Igreja, o que facilitou o processo de controle. De acordo com o historiador Jacques Verger (1999), existiram três tipos de instituições educacionais nesse período: as escolas elementares, as universidades e as novas instituições. No presente artigo, damos atenção às duas primeiras, já que, dentro delas, podemos perceber de forma mais delineada o poder da Igreja sendo exercido. Com o passar do tempo, percebemos o afastamento das universidades do poderio da Igreja. A redescoberta da filosofia de Aristóteles, entre outros fatores, teria gerado nos estudantes e mestres o estímulo necessário para que organizassem instituições autônomas que garantissem a liberdade de expressão e de ensino. A partir do século XIII, essas instituições se tornam locais de discussão e crítica à sociedade. Ao lado disso, soma-se o processo de “dessacralização do livro”, acompanhado pela racionalização dos métodos intelectuais e dos mecanismos mentais. Dessa maneira, compreendemos a gradativa perda da autoridade da Igreja sobre a educação no período medieval.*

**Palavras-chave:** Igreja. Educação. Idade Média.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar alguns elementos para a compreensão de como se dava a educação na Idade Média, de que forma a Igreja – como instituição hegemônica – delineava sua conformação, e ainda de que maneira o pensamento ocidental foi influenciado por essa concepção e prática educativa.

Como dito anteriormente, a Igreja Católica se apresenta como instituição mais importante de todo período medieval, já havia influenciado todos os aspectos daquela

sociedade. E no que diz respeito à educação não foi diferente. É fato que os primeiros passos educacionais eram dados, ainda na infância, na maioria dos casos, pela mãe dentro de casa.

Sobre esse tipo educação, pouco se sabe. Podemos dizer que a mãe ensinava os poucos conhecimentos de língua latina, sempre voltada para o ensino da religião, e, de acordo com o que a Igreja determinava, um exemplo disso é o fato de os textos usados na educação doméstica serem todos religiosos.

Segundo o historiador francês Jacques Verger (1999), a escola medieval se parece com a escola de qualquer outra época, era num primeiro momento o local de aprendizagem de saberes. Só que na Idade Média a escola garantia mais que a educação moral: ela garantia a educação religiosa e também um lugar de sociabilidade e descoberta.

A função maior das escolas medievais estava na instrução das pessoas, ou seja, ela fazia com que essas pessoas conhecessem a língua latina e alguns aspectos da lógica e da astronomia. A Igreja e os príncipes julgavam ser necessário ter pessoas que tivessem o mínimo de conhecimento e fossem bem articuladas para manter seus serviços e também para um bom funcionamento da sociedade, principalmente a partir do século X, quando começaram as grandes transformações daquela sociedade.

## 2 A EDUCAÇÃO E O PODER DA IGREJA

Jacques Verger (1999) apresenta três tipos de instituições educacionais da Idade Média. São elas: as escolas elementares, as universidades e, por último, as novas instituições. Daremos atenção às duas primeiras, já que dentro dessas instituições podemos perceber de forma mais delineada o poder da Igreja sendo exercido.

### 2.1 AS ESCOLAS ELEMENTARES

Ao contrário do que imaginamos, no século XII, os grupos escolares eram frequentes nas cidades medievais, mesmo nas pequenas vilas rurais. Segundo Verger (1999), em 1380, só nos arredores de Paris poderiam ser encontrados mais de 40 grupos escolares com nomes diferentes. Essas escolas eram destinadas àqueles que gostariam de oferecer aos seus filhos uma educação mais literária, que não podia ser dada em casa, e não podiam pagar um preceptor; a solução estava na escola primária latina.

Assim como boa parte das instituições medievais, esses grupos escolares eram dominados por clérigos. Por isso, não é difícil reconhecer que essas escolas em sua maioria eram patrocinadas pela Igreja. Num primeiro momento, eram lugares destinados a ensinar a língua latina, eram, portanto, escolas gramaticais.

Essas escolas, tanto as urbanas quanto as rurais, não tinham um padrão institucional, ou seja, não tinham um programa específico, a escolha daquilo que era ensinado era uma decisão de cada escola. Muitas existiam desde a Alta Idade Média e funcionavam nas dependências das catedrais e mosteiros.

O fato de essas escolas funcionarem dentro das catedrais e dos mosteiros permitia que a Igreja tivesse total conhecimento e controle de tudo que era passado para as pessoas que as frequentavam, uma forma de ter textos eclesiásticos usados durante as aulas e ainda uma forma de doutrinar as pessoas.

A partir do século XIII, com o advento das ordens mendicantes (franciscanos e dominicanos essencialmente), os conventos que serviam de moradia para essas ordens passaram a contar com um espaço chamado *studium*, salas destinadas a ensinar a leitura para uma ou duas pessoas. Essas escolas mendicantes atendiam, no princípio, aos jovens irmãos. Acredita-se, todavia, que, com o passar do tempo, os *studium* foram abertos para um grupo maior de pessoas.

Ao lado desses grupos escolares, escolas privadas começaram a surgir, muitas vezes os mestres dessas escolas eram padres pobres que buscavam complemento financeiro. As escolas privadas também tinham uma educação puramente eclesiástica. Ainda de acordo com Verger (1999, p. 62): “Os padres que ensinavam nessas escolas particulares não acumulavam fortuna, ao contrário, eram itinerantes, passavam anos de uma escola para outra e não tinham

consideração social”.

Em todas essas escolas, a base do ensino era o Latim e todas tinham a influência clerical, logo os cantos e os livros litúrgicos eram os recursos mais usados pelos mestres nos primeiros anos. Em seguida, vinha o estudo da gramática latina, sempre voltado para o pensamento clerical e para a teologia, fator que também contribuía para a influência da Igreja, já que tudo que era passado aos alunos dizia respeito à Igreja e tudo que ela defendia zelava o comportamento de um bom cristão.

Somente depois da gramática vinha o estudo da lógica, seguidos da iniciação aos clássicos filosóficos e das ciências do *quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música), que já não eram mais negligenciadas, principalmente nos últimos séculos que antecederam o surgimento das Universidades. A teologia, bem como o direito canônico, fazia parte dessa grade de disciplinas oferecidas nas escolas, garantindo, assim, que a educação cristã continuasse sendo oferecida, mesmo com a inserção de outras matérias no programa escolar.

De fato, o que garantia ao clero um controle sobre o que era passado aos alunos, se deve ao fato de essas escolas funcionarem dentro dos mosteiros e conventos, logo a administração desses lugares tinha controle absoluto sobre o material que seria passado para os alunos e sobre os professores, que eram, na sua grande maioria, padres e freiras que viviam naqueles lugares, e iam a sala de aula como um lugar de propagação da fé cristã.

Vale lembrar que somente as pessoas que passavam mais de seis ou sete anos nessas escolas tinham a oportunidade de estudar gramática, lógica e as ciências, antes disso, somente o latim que era usado diariamente.

Podemos dizer assim que, desde o nascimento das primeiras instituições educacionais do período medieval, a Igreja Católica esteve presente. Assim como as demais instituições, as escolas se desenvolveram no seio da Igreja, ou seja, dentro das casas paroquiais das catedrais e posteriormente nos conventos e mosteiros, o que facilitou o processo de controle do conteúdo que era ministrado para os alunos. O material usado nas aulas de gramática, por exemplo, eram textos canônicos, o que garantia aos professores uma forma de ensinar, além da língua latina, os dogmas da Igreja.

O clero encontrou uma forma muito eficiente de controlar os estudos naquele período, além das escolas funcionarem em prédios que pertenciam à Igreja, os mestres eram todos ligados a ela de alguma forma. Eram padres, freiras ou monges, assim, tudo o que deveria ser ensinado era previamente pensado por um grupo de cristãos.

## 2.2 AS UNIVERSIDADES

São as que mais deixaram arquivos, e são, portanto, a porta de entrada dos saberes medievais e suas possíveis influências sobre as demais áreas do conhecimento. As primeiras apareceram em Bolonha, Paris, Montpellier e Oxford ainda nos primeiros anos do século XIII, todas derivadas de escolas que já existiam nesses lugares, não necessariamente de escolas catedrais. “As universidades eram, em alguma medida, federações de escolas. Ensinava-se nelas por vezes uma única disciplina” (VERGER, 1999, p. 82).

Sem precedentes, essas universidades foram se constituindo de forma diversa e empírica. No início, era comum ensinar uma única disciplina, como direito, em Bolonha ou medicina, em Montpellier. Foi somente na metade do século XIII que o papado unificou-as no conceito de *studium generale* e, com isso, as universidades passaram a ser

controladas definitivamente pela Santa Fé.

Com relação às origens da instituição universitária, duas são as teorias aceitas: a própria renovação do saber, influenciada pela redescoberta da filosofia de Aristóteles, que começou a ser amplamente divulgada a partir do século XII, e teria gerado nos estudantes e mestres o estímulo necessário para que eles organizassem instituições autônomas para garantir a liberdade de expressão e de ensino, uma vez que até então o ensino era controlado pela Igreja.

Outra teoria seria a pressão social exercida por aqueles que desejavam melhores condições em possíveis carreiras, uma vez que muitas carreiras surgiram com o renascimento do estado no século XII. De uma forma ou de outra, uma coisa podemos afirmar: o surgimento das universidades não foi algo espontâneo, mesmo com a vontade dos mestres e alunos, a ideia foi sustentada por uma vontade política, que agregou interesses tanto religiosos quanto governamentais, agradando assim ao papa e ao príncipe.

A solidez das universidades cresceu à medida que o pensamento aristotélico se difundiu, transformando as faculdades de artes, antes meras propagadoras da gramática e da lógica, em verdadeiras faculdades de filosofia, onde se ensinava física, metafísica, psicologia e moral. Isso fez com que a faculdade de artes ganhasse prestígio (antes as faculdades de artes eram renegadas perante as de direito ou medicina). Esse prestígio fez nascer uma nova figura social principalmente em Paris, já que a faculdade de Paris era a mais prestigiada em 1260, um intelectual profissional, anticristão.

A partir do século XIII, a Igreja começou a perder sua influência sobre as universidades. À medida que essas instituições foram se fortalecendo, foram sendo vistas como locais de discussão e crítica à sociedade, tanto os mestres quanto os estudantes que

as frequentavam passaram a se questionar a respeito da vida e das condições que a Igreja impunha à sociedade, esse é o pontapé inicial para o fim do poder da Igreja sobre a educação.

Deve-se salientar, entretanto, que esse foi um processo lento, já que as universidades funcionavam em sua grande maioria em prédios que pertenciam à Igreja, o que dificultou a consolidação desse movimento que visava separar o modelo universitário de questionamento da influência da Santa Fé.

Devemos salientar que no início, as universidades eram completamente desorganizadas e o preço dos cursos não seguia um padrão. Assim, as que cobravam valores mais baratos eram mais procuradas, e aos poucos essas que eram mais procuradas tiveram aumento de prestígio perante a sociedade, o que aconteceu com as faculdades que ofereciam o curso de artes.

Esse movimento pode ser mais bem percebido a partir dos séculos XIV e XV. Com a difusão dos cursos principalmente de direito, o papado foi perdendo gradativamente sua influência sobre essas instituições, fosse pela multiplicação de juristas e pela difusão da cultura literária filosófica das faculdades de artes e direito.

Outro fator que contribuiu para que as universidades comessem a se separar da Igreja foi que elas trouxeram acesso a outro tipo de conhecimento que não o das aulas, o do livro. Com a criação e a propagação dessas instituições, o acesso aos livros com ideias filosóficas foi facilitado ainda mais, uma vez que, antes, praticamente somente clérigos, bispos e pessoas ligadas à Igreja tinham acesso a livros. “A dessacralização do livro é acompanhada de uma racionalização dos métodos intelectuais e dos mecanismos mentais” (LE GOFF, 2006, p. 34).

As obras da filosofia clássica, que antes somente eram lidas por pessoas que seguiam

a vida religiosa, passaram a ser divulgadas e influenciaram o pensamento daqueles que as liam. Essas obras começaram a ser discutidas dentro das universidades, por mestres e alunos, isso incomodou profundamente a Igreja, que começava a perceber que já não era o centro do conhecimento.

O livro teve grande impacto no fortalecimento do conhecimento filosófico, uma vez que o livro acadêmico era completamente diferente dos livros eclesiásticos. Então, mesmo aqueles que, por ventura, tivessem tido contato com livros nas escolas gramaticais, percebiam as diferenças com uma escrita menos elaborada e mais rápida.

Mesmo com o afastamento do conhecimento universitário, a Igreja ainda era a grande financiadora das escolas elementares. Dessa forma, a partir do século XIV, quando as universidades já estavam consolidadas, a Igreja se concentra nas escolas, garantindo a elas uma estrutura melhor e, claro, um programa mais rigoroso no que dizia respeito à educação religiosa.

A universidade foi ainda o palco inicial de um método educacional que é usado até hoje em algumas instituições: a escolástica – “*questiones et responsiones*”. O método escolástico também contribuiu para esse racionalismo, já que é um método que induz o estudante ou aquele que ouve a questionar. Num primeiro momento, era o estabelecimento de um problema, em seguida tornava-se um debate (disputa), que acabava com uma conclusão do mestre.

Foi usado primeiramente como um método de tentar conciliar o pensamento eclesiástico com o pensamento filosófico, quando a Igreja ainda exercia algum poder sobre as instituições universitárias, sendo mais tarde descartado e julgado pela mesma Igreja quando as universidades foram ganhando autonomia própria.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que, desde os primeiros séculos do período medieval, a Igreja esteve presente na educação das pessoas, fosse para aquelas que eram educadas em casa, fosse para aquelas que frequentavam as escolas elementares quando mais velhas. Para aquelas que eram educadas em casa, a religião se apresentava através da fé dos pais, dos cantos e, claro, da participação da missa. Para os que iam às escolas, o cristianismo se apresentava através de textos que eram usados no ensino da língua latina. Estes eram sempre eclesiásticos. Através da estrutura também, já que as escolas funcionavam dentro dos conventos. É fácil afirmar que toda a educação que ali fosse ministrada era obrigatoriamente submetida ao julgamento da Santa Fé.

Mais tarde, essas escolas evoluíram para o que nos últimos séculos do mesmo período chamaremos de Universidade: um lugar destinado à discussão e onde começa a florescer nos homens medievais a dúvida e a crítica a respeito de seu modo de vida e também de sua religião. As universidades foram os primeiros lugares onde a religião foi colocada em dúvida, num primeiro momento de forma muito sublime e tímida, já que nos primeiros anos essas instituições eram mantidas pela Igreja, mas aos poucos esses locais afastaram-se definitivamente da educação religiosa e ganharam seu próprio espaço, garantindo, assim, que a Igreja não tivesse mais influência sobre o que era discutido por mestres e alunos. Assim, a Igreja foi gradativamente perdendo sua autoridade sobre a educação dos jovens que viviam na Europa Medieval.

## REFERÊNCIAS

LE GOFF, Jacques. Educação. In:  
**Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru: EDUSP, 2006.

VERGER, Jacques. Os Estudos. In:  
**Homens e saber na Idade Média**. Bauru:  
EDUSP, 1999.